

SHER LEE

A LENDA DA
SERPENTE
BRANCA

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Confinamento

Doença crónica

Morte

Perda e luto

Rapto

Tortura

Trauma

Violência

Para o Fred, a minha alma gémea.

致高源, 我的知己



PRÓLOGO

Sete anos antes

O saco de cânhamo que cobria a cabeça do príncipe Xian cheirava a ração de animal. As suas mãos estavam atadas à frente, os dedos dos pés em carne viva por terem sido mordidos por ratazanas esfomeadas, na cela sem luz onde os seus captores o tinham aprisionado durante dois dias e duas noites.

Mas recusava-se a chorar. Pelo menos, quando eles estavam por perto.

Ter crescido no palácio como o filho de 10 anos de uma consorte entre meios-irmãos rivais tinha-lhe ensinado uma lição: o orgulho não era apenas a sua armadura, era tudo o que ele tinha.

Estavam em movimento. As rodas passaram por cima de um buraco, e a sua cabeça bateu contra o lado da carroça. Um aroma a erva e a musgo fez-lhe cócegas no nariz, a pele arrepiando-se quando reconheceu o cheiro. A mãe costumava levá-lo para fora do palácio para brincar junto ao lago, e ele sempre achara bonitas aquelas nuvens de verde e azul que andavam à deriva na água, mas ela tinha-lhe dito que algumas florescências de algas eram perigosas, até mesmo mortais.

Estava novamente perto de casa. Já podia imaginar-se na margem do lago Ocidental, visualizar as três ilhas, flutuando na água. A Ponte Quebrada, que não estava realmente nessa condição, apenas transmitia essa imagem quando a neve derretia num dos lados. O Pagode Leifeng ao longe, uma sentinela na margem sul.

A carroça abrandou até parar. O coração de Xian disparou. Os cavalos relincharam e um estampido de botas contra a terra batida pelo sol de verão tornou-se audível. Tiraram-no da carroça e arrancaram-lhe o saco da cabeça.

Ele semicerrou os olhos perante a súbita luminosidade da clareira da floresta. Estava rodeado de mercenários armados, mas no outro extremo do bosque encontrava-se o general Jian, o braço-direito do seu pai.

— Príncipe! — A testa do general estava enrugada de preocupação. — Estás ferido?

O alívio apoderou-se de Xian, que se esforçou por parecer resoluto.

— Eu...

— Já viu o rapaz. — O líder dos mercenários empurrou Xian para trás de si. Os seus longos cabelos estavam emaranhados e desgrenhados, a sua brigantina de couro, coberta de manchas de sangue. — Tem todos os dedos das mãos e dos pés intactos... por enquanto. Agora, a pérola.

Os olhos de Xian arregalaram-se. O pai tinha-lhe dito que as pérolas espirituais dos picos mais altos das sagradas montanhas Kunlun podiam curar qualquer doença... e até ressuscitar os mortos. Quantos homens não tinham perdido a vida em busca delas, encontrando a morte em fendas traiçoeiras escondidas pela neve eterna.

A expressão do general Jian era sombria quando avançou e entregou uma caixa de madeira ao homem. Um murmúrio

ecoou por entre os mercenários. O seu líder ergueu um pequeno objeto esférico contra a luz do sol. Era do tamanho de um berlinde e refletia com um brilho que não era deste mundo.

«Uma pérola espiritual pode curar a mordida de uma serpente branca», dissera-lhe o pai. «Há de curar a tua mãe...»

— Não! — gritou Xian. — Ela precisa dela! Não lha dê...

Um estrondo abanou a carroça atrás dele. A força da explosão projetou-o para a frente e as suas mãos, ainda atadas, não conseguiram amortecer a queda. Caiu de cara no chão. O cheiro a pólvora queimada picou-lhe as narinas. Não conseguia respirar, como da vez em que o seu meio-irmão mais velho, Wang, o derrubara e se sentara no seu peito.

Xian levantou a cabeça quando os guardas do palácio lançaram a emboscada. Os mercenários gritaram, os cavalos ficaram espavoridos de pânico. O general Jian, de espada em punho, avançou pelo caos em direção ao príncipe.

Mãos ásperas agarraram-no por trás e o general desapareceu de vista. Debateu-se enquanto era puxado para outra carroça e empurrado para a parte de trás.

Uma segunda explosão. A roda traseira ficou desfeita e a cabeça de Xian bateu no chão quando o veículo se inclinou bruscamente. Um homem gritou como se estivesse a ser arrastado para o Inferno.

A dor reverberou no crânio do rapaz, com pontos negros e cinzentos a pulular como formigas nos seus olhos, mas obrigou-se a ficar de pé. Pela primeira vez, não tinha guardas à sua volta. Tinha cerrado as mãos quando lhe ataram os pulsos, como o seu melhor amigo, Feng, lhe havia ensinado, o que facilitou a libertação das amarras.

Ao rastejar para fora da carroça, um gemido de agonia fez-lo virar-se. Um mercenário jazia junto à roda despedaçada,



o rosto contorcido num esgar de dor enquanto se agarrava à coxa esquerda mutilada. O resto da perna tinha desaparecido.

Um guarda do palácio aproximou-se dele e cravou-lhe uma espada no peito.

Xian encolheu-se diante daquela visão.

O mercenário gorgolejou e ficou imóvel. O guarda retirou a lâmina, fazendo jorrar sangue da ferida aberta.

No calor da batalha, ninguém parecia reparar em Xian, que jazia exposto. Espalmou o corpo contra o chão e tentou tornar-se invisível. Um dos cavalos dos mercenários, nada habituado ao clamor dos combates, carregou sobre ele. Xian atirou-se para fora do caminho da criatura em pânico, segundos antes de os cascos baterem no local onde a sua cabeça tinha estado.

Rebolou, ofegante. Tinha de encontrar abrigo. Rastejando sobre os cotovelos e joelhos em direção a uma moita de arbustos próxima, os seus dedos cravaram-se no solo. Fecharam-se à volta de algo pequeno, duro, redondo...

Xian parou e abriu os dedos. Aninhada na sua mão estava uma esfera iridescente, coberta de manchas de terra e erva seca.

A pérola. A pequena esfera parecia pulsar na palma da sua mão com um batimento cardíaco próprio. Era estranhamente pesada, como se contivesse a densidade de universos. Aquele olho que não era deste mundo devolveu-lhe o olhar, e Xian não conseguiu desviar a atenção.

Um par de botas parou à frente do rapaz, que piscou os olhos para o rosto áspero de um mercenário. Os olhos do homem fixaram-se na pérola e arregalaram-se de reconhecimento.

— Dá-ma — rosnou.

Xian levantou-se e correu.

Os seus passos curtos e febris levaram-no instintivamente para o lago, em direção ao odor pastoso a algas venenosas,

menos mortíferas do que as passadas estrondosas que ganhavam terreno atrás de si. Acelerou, mesmo que cada passo dado pelos seus pés nus e massacrados fosse como correr sobre brasas.

À sua frente estava a Ponte Quebrada. Chegou ao meio e subiu para o parapeito. O seu coração martelava, a respiração era feita em golfadas ríspidas. O lago brilhava com um verde artificial, obrigando-o a confrontar-se com a única coisa de que se envergonhava: não saber nadar.

O homem aproximou-se.

— Passa para cá a pérola, rapaz.

— Não te aproximes! — gritou Xian. — Ou atiro-me para o lago!

— Prometo que te deixo ir embora. — O homem estendeu-lhe uma mão calejada. — Podes correr para casa, para junto da tua mãe...

Atirou-se à perna de Xian, que se esquivou, mas o seu pé escorregou e a cabeça inclinou-se bruscamente para trás.

Sentiu o embate na água como se estivesse a ser engolido pelo lago.

No mundo verde e opaco sob a superfície, tudo abrandou de repente e os seus membros pareciam duas vezes mais pesados. As algas surgiam como monstros enormes, os seus dedos disformes estendidos na direção do príncipe.

Debateu-se, pontapeando as pernas freneticamente, com a mão ainda fechada num punho. Não se podia afogar. Não podia perder a pérola que curaria a mãe.

Algo lhe deslizou pelo braço. Ficou paralisado. Um clarão de escamas de réptil, tão brancas que chegavam a ser luminosas, e depois o amplexo de um corpo longo e sem membros, gracioso e aterrador, que o cingiu como um tentáculo gigante.

O horror tomou conta do peito de Xian. Abriu a boca para gritar, mas dela saiu apenas um rasto de bolhas, que se ergueu para a superfície como uma oração dirigida a uma luz pálida e distante.

Logo a seguir, as bolhas acabaram, e o seu mundo escureceu.



CAPÍTULO UM

XIAN

— *Agkistrodon contortrix*. — As robustas solas de couro de Xian pisavam quase em silêncio as folhas espalhadas pelo chão da floresta. — Também conhecida como a serpente dos cem passos. Dizem que, depois de sermos mordidos, só conseguimos dar cem passos antes de cairmos para o lado.

— Olha que bom — disse Feng, recuando, com a mão pouxada no punho da espada. — Nada melhor do que ar puro, a luz do sol e veneno mortal para começar o dia.

Tinham concordado que Feng só cortaria a cabeça das cobras se elas atacassem inesperadamente. Caso contrário, Xian queria-as vivas.

O verão tinha chegado, o que significava que as cobras se aventurariam para longe das suas tocas para a época de acasalamento. O raiar do dia era a melhor altura para as apanhar, quando o sol começava a aquecer os afloramentos rochosos irregulares, mas antes de o calor abrasador as fazer refugiar-se nos seus buracos.

— Nunca apanhaste uma destas? — Feng olhou para o réptil. — Redobreste os esforços desde o início do Ano da Serpente.

Xian apontou.

— Vês aquela risca no dorso? As *Agkistrodon contortrix* não costumam ter marcas brancas.

Se não fosse pelo padrão branco nas suas escamas dorsais, a serpente acobreada ter-se-ia fundido de forma impercetível com o tronco caído sob o qual se enroscava. Feng inclinou-se para ver melhor.

— Achas que é uma parente afastada da cobra branca que mordeu a tua mãe?

— Pergunto ao Fahai quando ele voltar. — Xian deu um passo em frente, com uma pinça na mão enluvada e um gancho comprido na outra. As suas polainas eram feitas de pele de crocodilo, suficientemente grossas para resistir às longas presas das víboras.

Agarrou na cobra com a boca larga da pinça. Assustada, a cobra sibilou e ergueu a cabeça triangular. Xian apanhou-a com o gancho, mantendo-a a uma distância segura, mas a serpente atacou, as presas a fecharem-se com violência a centímetros do seu antebraço.

Feng ergueu a espada.

— Cuidado!

Xian bateu na parte de trás da cabeça da cobra com a pinça que tinha na outra mão, deixando-a inconsciente. O corpo do animal tombou, pendurado no gancho.

— Foi por pouco — exalou Feng.

— Estava tudo sob controlo. Mas gosto de ver essa tua veia protetora.

— Não é uma veia protetora. Sou o teu guarda-costas.

Xian colocou a cobra inconsciente num saco de costura dupla e atou-o. Esfregou os olhos com as costas da mão e abafou um bocejo.

Feng levantou uma sobrancelha.

— Quem era aquele rapaz ontem à noite?

Xian lançou um olhar inocente ao seu melhor amigo.

— Não sei do que estás a falar.

— Deves pensar que sou parvo. Sei que voltaste a escapulir-te pelo Pavilhão da Benevolência.

— Ah, claro. Não serias um bom guarda-costas se não estivesse a par disso.

Quando eram mais novos, Xian e Feng — o filho mais velho do general Jian — tinham descoberto uma das passagens secretas que davam para o exterior do palácio. A entrada estava escondida atrás do altar do Pavilhão da Benevolência, e o túnel emergia num silo de cereais abandonado do outro lado da muralha exterior. Xian estava a dar bom uso à passagem.

O príncipe sorriu.

— Combinámos encontrar-nos numa cabana perto da quinta do pai dele. Ainda pensa que sou filho de um mercador que fornece chá ao rei.

Feng suspirou.

— Gostava que fizesses um esforço para seres discreto.

— Não te preocupes, ninguém nos viu. — Xian levantou o queixo. — E mesmo que as pessoas descobrissem, qual seria o mal? O imperador Ai teve amantes do sexo masculino, tal como todos os nove imperadores da Dinastia Han antes dele.

Havia uma história bem conhecida do imperador Ai: quando o seu amante preferido adormeceu sobre o manto do imperador, este preferiu cortar a manga do seu traje imperial a acordar o jovem.

— Bem, podes fazer o que quiseres quando fores rei — respondeu Feng —, mas, neste momento, sabes que o Wang só está à espera de um deslize teu. Desde o seu *guān lǐ* que ele

se tem esforçado por te desacreditar e ganhar a aprovação do teu pai.

Aos 20 anos, todos os nobres do sexo masculino viam o seu cabelo comprido — apanhado num carrapito, como de costume — coroado com um toucado especial. Duas semanas antes, todos se tinham reunido no exterior do Templo Ancestral, debaixo de guarda-chuvas sob um aguaceiro de final de primavera, para assistir à cerimónia de coroação do seu meio-irmão mais velho. Faltavam três anos para Xian ter o seu próprio *guān lǐ*, por isso o seu carrapito estava seguro apenas por um gancho de cabelo.

O gongo da torre de madeira do relógio astronómico do palácio tocou ao longe, anunciando as 10 horas da manhã. O sol estava agora mais alto no céu sem nuvens e uma gota de suor escorreu pela testa de Xian.

— O Fahai já deve ter regressado da visita à sua terra natal. Vou levar-lhe esta serpente e ver o que ele acha. — Quando o príncipe pegou no saco fechado que continha o animal, reparou na expressão hesitante de Feng. — O que foi?

— Ouvi uma conversa do meu pai hoje de manhã — respondeu o outro. — O Fahai não foi visitar a família. O teu pai enviou-o para oeste, para o monte Emei, para consultar o oráculo.

O monte Emei era a mais alta das quatro montanhas sagradas. O mosteiro onde o oráculo recluso vivia só podia ser acedido por uma escada estreita de mil degraus, cortada na face íngreme do penhasco. Os monges gravavam o pedido dos peregrinos num osso de boi ou no plastrão de uma tartaruga, na antiga escrita do oráculo. O osso ou a carapaça eram aquecidos numa fornalha e, se o oráculo decidisse atender o pedido, interpretava o padrão das fendas resultantes.

Xian franziu o sobrolho.

— Que pergunta teria o meu pai para o oráculo? Se devia escolher o Wang como príncipe herdeiro? Foi por isso que o Fahai não me disse aonde ia?

Feng tentou encolher os ombros de forma casual.

— Talvez tenha ido tratar de assuntos oficiais da corte...

Xian afilou o olhar.

— Feng, tenho uma serpente mortífera neste saco, e não tenho medo de a usar.

— Deixaste-a inconsciente.

— As presas de uma cobra são capazes de injetar veneno uma hora depois de a sua cabeça ter sido cortada.

Feng suspirou.

— Não queria dizer nada, mas tenho quase a certeza de que a missão do Fahai junto do oráculo tem algo que ver com a tua mãe.



O coração de Xian batia descompassado quando ele entrou a correr pelo pátio interior do palácio. De repente, tudo fazia sentido. O porquê de a mãe andar a dormir mais do que o habitual. O porquê de os médicos do palácio terem começado a prescrever medicamentos à base de papoilas de ópio. Queriam que se sentisse o mais confortável possível. Porque é que o pai não lhe tinha dito nada? A mãe sabia que o seu estado de saúde estava a piorar? Quanto... quanto tempo de vida lhe restava?

Os seus passos ecoaram nos largos degraus de mármore que conduziam ao salão do rei. O telhado amarelo de duas águas e beiral duplo erguia-se sobranceiro aos restantes edifícios do palácio de Xifu, capital de Wuyue, onde ficava situado o lago Ocidental.

Após a queda da Dinastia Tang, o território fragmentou-se em dez reinos diferentes, e Wuyue definiu as suas fronteiras a leste. Nenhum dos reis era suficientemente forte para assumir o papel de sucessor de Tang, por isso, durante um raro momento na História, não houve imperador e cada um dos reis — incluindo o pai de Xian — governou de forma independente.

Nove era um número imperial, e o salão do seu pai era o único edifício do palácio que podia ter nove *jiān* — o espaço entre duas colunas — e cinco arcos. Ninguém, exceto o rei, podia entrar pelo arco central, por isso Xian passou pelo da esquerda.

Os guardas do pai, do lado de fora da sala do trono, tentaram impedi-lo, mas ele afastou-os e abriu as portas duplas.

O trono ficava numa plataforma elevada, virada para sul, pelo que qualquer pessoa que estivesse na presença do rei teria de se curvar para norte, um sinal de respeito. Tentáculos de fumo doce emergiam de turíbulo ornamentados de cobre vermelho, e dois enormes espelhos de bronze, um de cada lado do trono, refletiam para afastar os espíritos malévolos.

Xian levantou os olhos para a placa de madeira acima do trono, onde podia ler-se, gravado a ouro e da direita para a esquerda, 正壓百邪. «Uma justiça pode sobrepor-se a uma centena de males.»

A placa não era meramente decorativa. A tradição antiga ditava que o filho mais velho da imperatriz ou da rainha seria automaticamente o príncipe herdeiro, mas o trisavô de Xian tinha contornado o costume, declarando que qualquer um dos seus filhos poderia ser seu herdeiro. As lutas fratricidas entre os seus muitos filhos de esposas e concubinas levaram o rei a instituir a prática de guardar o nome do príncipe herdeiro escolhido numa caixa, atrás da placa, que só seria aberta após a sua morte. A caixa que continha o decreto era considerada

sagrada, e quem fosse apanhado a mexer nela seria condenado à morte.

— Xian?

A atenção do rapaz voltou-se para o homem imponente sentado no trono, com rugas de expressão marcadas entre as sobrancelhas. Vestia um *lóng páo* dourado, um manto real bordado com nove dragões de cinco garras: cinco à frente, três atrás e o nono escondido no painel frontal. No polegar direito tinha um anel de sinete feito de *láng gān*, pedra preciosa azul-esverdeada ainda mais rara e valiosa do que o jade.

Diante do trono estava Fahai. Na casa dos 30, era mais novo do que os restantes conselheiros da corte. Vestia uma túnica vermelha com mangas largas e o seu *bǔ zi* — a insígnia quadrada tecida na parte da frente da túnica — tinha um grou estampado, símbolo de longevidade e da mais alta posição entre os académicos. O seu *yú dài* — a bolsa à volta da cintura — era outra marca do elevado estatuto de que usufruía na corte do rei.

O pai de Xian fuzilou-o com o olhar.

— Não te dei educação, meu filho? Que diabo te impeliu a entrares nos meus aposentos sem teres sido convocado?

Qualquer pessoa que se aproximasse do rei sem ser chamada, mesmo a sua esposa ou demais consortes, podia ser severamente repreendida. Além disso, Xian devia estar vestido com a sua túnica de gola arredondada em tons dourados, a cor dos príncipes.

— Perdão, meu pai. — Xian, ainda envergando as roupas de caça, ajoelhou-se e fez uma vénia. — Estou disposto a aceitar qualquer castigo. Mas primeiro, por favor, conte-me... O que disse o oráculo sobre a minha mãe? Ela vai morrer? Há forma de a salvar?



Pelo canto do olho, Xian conseguia ver as bases das colunas vermelhas que rodeavam o trono. O pai costumava contar-lhe histórias sobre os poetas que tinham escrito os versos pintados em cada uma. As declarações de amor e piedade filial nos poemas preferidos do pai haviam-no inspirado a casar-se com a mulher nobre que os seus pais tinham escolhido, mas, mais tarde, haveria de tomar a mãe de Xian, plebeia e o seu primeiro amor, como a sua primeira e mais amada consorte.

Xian arriscou olhar para cima e viu a expressão do pai a suavizar-se.

— O Fahai estava prestes a revelar a resposta do oráculo quando nos interrompeste — disse ele ao filho. Estendeu a palma da mão, num gesto para que Xian se levantasse, antes de fazer sinal a Fahai.

Este aproximou-se e apresentou um osso em forma de omo-plata embrulhado em seda. O rei segurou no osso estalado contra a luz do sol para ver os caracteres hieroglíficos inclinados, os primórdios da sua língua escrita, que poucos ainda vivos conseguiam ler.

— Qual é a interpretação do oráculo? — perguntou.

— «A cura que procura está em Changle de Min» — respondeu Fahai.

Xian estava incrédulo. A cura? Havia uma forma não só de salvar a vida da mãe, mas também de a curar completamente da terrível dor paralisante de que padecia há quase uma década, desde a fatídica mordida da serpente?

— Envie-me a Changle — disse Xian sem hesitar.

O pai abanou a cabeça.

— A capital de Min fica a dez dias de viagem de Xifu. Nunca viajaste para tão longe de casa sozinho. Vou enviar o general Jian.

— Pai...

— Não, Xian — repetiu o pai de forma enfática. — Há sete anos, tomei a iniciativa de obter uma pérola espiritual para curar a tua mãe. Como resultado, quase te perdi. Quase vos perdi aos *dois*. No estado frágil em que ela se encontra, a dor teria sido a sua morte. Não permitirei que isso volte a acontecer.

O rei tinha-se recusado a procurar outra pérola, vendo na primeira um mau presságio que tinha levado ao rapto do filho. Ao contrário de Xian, o seu pai era profundamente supersticioso. Terá sido por isso que não ofereceu uma pérola falsa em troca da vida do filho, receando que o logro causasse uma desgraça ainda maior.

Xian curvou-se tanto que a sua testa bateu no chão com uma pancada forte. Sabia quais os azulejos que tinham jarros de barro invertidos em baixo; as pessoas acreditavam que, quanto mais audível fosse o som, mais hipóteses tinham de cair nas boas graças do rei.

— Pai, uma vez disse-me que os corvos têm a virtude de cuidar dos seus progenitores — disse Xian. — Imploro-lhe que me permita fazer o mesmo. Sou o único filho da minha mãe. Por favor, deixe-me ir a Changle. Tenho de ser eu a encontrar a cura. Caso contrário, viverei com este remorso para o resto da vida.

Fez-se um longo silêncio. A piedade filial era a mais importante de todas as virtudes confucionistas, a razão pela qual tanto os homens como as mulheres mantinham o cabelo comprido, como sinal de reverência pelos seus pais e antepassados. Se Xian invocasse o seu dever filial, seria mais difícil para o pai negar-lhe o pedido.

O príncipe aguardou pela resposta. Por fim, o pai pegou num pincel e escreveu num pergaminho. Alcançou o selo real, que tinha dois dragões entrelaçados na ponta, mergulhou a

base quadrada em tinta vermelha e pressionou a insígnia no documento.

— Prepara uma comitiva. Partirás para Changle ao nascer do sol. — O pai estendeu-lhe o pergaminho. — O Fahai vai escoltar-te em meu nome. Segue os seus conselhos como se fossem os meus. Se esta missão for a vontade dos deuses, eles hão de abençoar a tua viagem e darão a conhecer o caminho certo quando chegares.

— Obrigado, pai. — Xian fez uma vénia enquanto recebia o édito real com ambas as mãos. — Não voltarei antes de ter a cura.



CAPÍTULO DOIS

XIAN

Os filósofos ensinavam que o Céu era redondo e a Terra era quadrada. Em homenagem a esse princípio, o Pagode Leifeng tinha uma base quadrada fixa ao solo e paredes octogonais que pareciam redondas quando vistas de cima. Quando o céu estava limpo, as pessoas juntavam-se na Ponte Quebrada, na margem oposta, para admirar o pôr do sol que cintilava por detrás das paredes de tijolo vermelho da torre. O seu telhado saliente, com cinco andares de altura, estava coberto de telhas de terracota com vidro em preto, que deviam inspirar os deuses a descerem à Terra. Dos seus largos beirais pendiam sinos de bronze, tilintando ao vento. Visto do chão, o campanário parecia furar as nuvens. As pessoas acreditavam que um raio que atingisse a torre de ferro poderia destruir os demónios.

Xian refreou o cavalo, desmontou perto dos degraus que levavam à entrada do pagode e deixou cair a serpente que se contorcia no seu saco. Tinha passado a tarde a preparar a comitiva para Changle e a requisitar ouro, jade, metais preciosos e seda do tesouro. Era comum os reis oferecerem presentes aos estados

vassalos, para enfatizar o seu estatuto de benfeitores. Min era o mais recente estado vassalo do reino de Wuyue; ameaçada pelos Tang do Sul, a corte de Min tinha capitulado perante o seu aliado mais forte a norte, em troca de proteção.

Xian parou na orla do lago Ocidental. Os corruptions-laranja trinavam por entre os salgueiros que ladeavam a margem e, no meio do lago, três ilhas brilhavam ao sol poente.

A mais pequena, a ilhota de Ruangong, foi onde o general Jian encontrou Xian, quando este tinha 10 anos, encharcado e a tremer depois da batalha com os mercenários. Xian fechava-se em copas sempre que alguém tentava perceber como tinha ido parar ali, por isso as pessoas rapidamente deixaram de insistir, com medo de que falar sobre a provação traumatizasse ainda mais o jovem príncipe.

Miè zú — a execução da família de um criminoso até à nona casa — era uma punição reservada aos piores crimes. O rapto de um príncipe recaía nessa categoria. As cabeças cortadas dos dois membros da corte que tinham sido obrigados pelos mercenários a retirar Xian do palácio para pagar as suas dívidas de jogo estavam penduradas na muralha exterior. Mas a mãe de Xian tinha implorado que os familiares dos condenados fossem poupados, e o seu pai tinha concordado. Construiu um altar na ilhota de Ruangong para agradecer aos deuses o facto de o filho ter sido resgatado do ventre do lago.

Apenas Xian sabia a verdade. Não tinha sido salvo por nenhum deus.

Ninguém sabia que ele tinha caído no lago com a pérola na mão, nem mesmo Feng. Ninguém sabia que ele tinha acordado na ilhota, demasiado enregelado para reagir quando a cura para a doença da sua mãe fora engolida diante dos seus olhos por uma grande serpente branca.

Esta devia ter sido atraída pelo poder da pérola. Podia até ser a mesma criatura maldita que tinha mordido a sua mãe. Arrastou Xian para fora do lago, não para lhe salvar a vida, mas para lhe roubar algo quase tão precioso. Desconhecia por que razão não o tinha estrangulado depois de ter levado a pérola.

Mas essa era uma decisão de que a cobra se iria arrepender.

O cavalo de Xian deu-lhe um ligeiro encontrão no ombro, pedindo comida. Os cavalos da raça Fergana, esguios e imponentes, eram os mais apreciados do país. Alguns acreditavam que descendiam dos *tiān mǎ*, corcéis míticos que transportavam os seus cavaleiros para a terra dos imortais.

— Tens fome, Zhaoye? — Xian acariciou a crina e o pelo preto lustroso do seu cavalo. Zhaoye, que significa «noite brilhante», era um nome muito adequado. — Queres fruta? — As orelhas de Zhaoye levantaram-se. Talvez os cavalos da linhagem dos corcéis celestiais fossem capazes de entender os humanos. — Está bem. Vou ver se consigo arranjar alguma para ti.

Xian encontrou um alperceiro no meio das peónias em flor e, com uma ligeira torção, colheu um fruto maduro que estava pendurado num ramo exterior. Tirou um punhal da bainha do tornozelo, cortou o alperce ao meio e tirou o caroço antes de dar as fatias a Zhaoye.

O som de cascos que se aproximavam fê-lo virar-se.

— Ora aqui está algo digno de se ver. — Fahai aproximou-se no seu cavalo baio, com um sorriso na boca enquanto desmontava. — Um príncipe a servir fruta ao seu cavalo.

Xian olhou para o conselheiro da corte.

— Não finjas que não aconteceu nada. Depois de todo o tempo que passámos à procura de uma cura, não achas que merecia saber que o estado de saúde da minha mãe se está a deteriorar?

O semblante de Fahai tornou-se mais sério.

— O teu pai fez-me jurar que não te contava. Não podia desobedecer à sua ordem... Nem mesmo por ti, príncipe Xian. Peço desculpa.

O rapaz engoliu em seco.

— Quanto tempo de vida tem a minha mãe?

— Os médicos disseram três meses, talvez um pouco mais.

Três meses? As palavras rasgaram o peito de Xian tal como o seu punhal tinha cortado o alperce. Estaria ainda viva a tempo de provar os mooncakes no Festival da Lua deste ano, a sua festividade preferida?

Fahai pousou-lhe a mão no ombro, como se sentisse a sua angústia.

— Não percas a esperança, príncipe Xian.

Este recompôs-se.

— Apanhei uma *Agkistrodon contortrix* com marcas brancas invulgares.

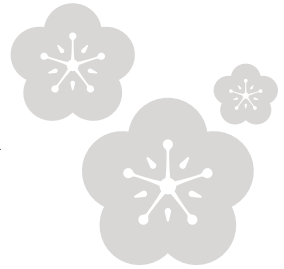
Fahai acenou com a cabeça.

— Vamos falar lá dentro.

A base do Pagode Leifeng foi construída sobre um pedestal de pedra de camada dupla, o que indicava que a dimensão da estrutura era igual abaixo e acima do solo. Xian pegou no saco com a serpente, e ele e Fahai contornaram a plataforma da base até uma porta de ferro discreta na parte de trás do templo.

Fahai tirou uma chave da sua bolsa e inseriu-a na fechadura. Esta fez um clique e a porta abriu-se, exalando um sopro de ar bafiento. Fahai fez um gesto para que o príncipe fosse à frente.

Xian desceu os degraus de pedra lisa até uma cave subterrânea familiar. Atrás dele, Fahai foi acendendo os candeeiros das arandelas de parede, iluminando o espaço. Ao centro, havia uma mesa de trabalho de madeira cheia de recipientes cilíndricos



de latão de diferentes tamanhos. Sobre um banco, um amontoado de pergaminhos cheios de fórmulas e cálculos na caligrafia de Fahai. Várias estantes de livros alinhavam-se na parede mais distante, com as prateleiras a abarrotar de grossos volumes alquímicos. Um saco de carvão e um par de foles de madeira estavam ao lado de uma lareira ligada a uma chaminé.

Aquele era o laboratório subterrâneo secreto onde Fahai trabalhara incansavelmente nos últimos três anos para cumprir a ordem do rei: encontrar uma cura para a sua amada consorte.

No extremo oposto da sala, duas dezenas de gaiolas de madeira e bambu estavam empilhadas quase até ao teto. Os seus ocupantes enroscavam-se e desenroscavam-se, as escamas lustrosas brilhando à luz dos candeeiros.

Fahai tinha pedido a Xian que lhe trouxesse diferentes tipos de serpentes para que ele pudesse estudar o seu veneno. Alguns dos tónicos e cataplasmas do conselheiro tinham aliviado um pouco os sintomas da mãe do príncipe, mas até agora não tinham sido capazes de a curar. E agora ela estava...

Xian virou-se para Fahai.

— A cura está em Changle. O que achas que vamos encontrar quando lá chegarmos? Uma nascente mágica nas profundezas das florestas de Min? Uma planta curativa rara que só cresce por lá? Ou talvez um sábio ou xamã com o poder de curar a minha mãe?

Os olhos de Fahai brilharam.

— Acho que o oráculo nos indicou o caminho de Changle para encontrarmos a peça final que temos procurado durante todo este tempo.

— Como assim?

— Depois de três anos de experiências, acredito que consegui finalmente determinar a alquimia exata para um antídoto

— respondeu Fahai. — Mas ainda nos falta um ingrediente crucial para a cura da tua mãe.

Xian sentiu um arrepio na pele.

— A serpente branca?

Jiboias, víboras, cobras-corais, pitões, *Agkistrodon contortrix* e até najas, Xian já as tinha caçado a todas. Mas nos últimos sete anos, não se tinha voltado a cruzar com outra serpente branca. Não era impensável que ela tivesse deixado o lago Ocidental depois de lhe ter tirado a pérola. Talvez tivesse escapado para o Zhe Jiang, o rio mais longo da costa sudeste, o que significava que poderia estar em qualquer lugar.

Fahai não sabia nada disto, claro. Ninguém sabia. Xian nunca tinha contado a ninguém sobre a serpente branca ou a pérola. E cada vez que tentavam, sem sucesso, curar a sua mãe, ninguém sabia da culpa que o corroía como um parasita a sugar-lhe a medula.

— Ainda não sei ao certo que parte da serpente branca vai completar o antídoto, se é o veneno, os órgãos ou até mesmo o coração — respondeu Fahai. — Por isso, não só temos de a encontrar, como também de a trazer viva para este laboratório.

Xian sentiu a antecipação revolver-lhe o estômago. O oráculo tinha-lhes dito onde encontrar a cura: a própria serpente branca. O equilíbrio do destino tinha decretado que a vida dela seria a chave para salvar a sua mãe. Ele teria finalmente a oportunidade de voltar a enfrentar a criatura e, desta vez, haveria de a capturar e levar de volta para Wuyue.

Um grande recipiente aberto que estava pousado num banco baixo no canto, para lá das jaulas, chamou a atenção de Xian. Não se lembrava de o ter visto da última vez que ali estivera. Aproximou-se; dentro da vasilha de cerâmica estava uma tartaruga com padrões dourados, em forma de estrela, na sua carapaça abobadada.

— O que é isto? — perguntou Xian. — Arranjaste um animal de estimação sem me dizer?

Fahai sorriu.

— Encontrei-a há uns dias, quando estava a dar um passeio ao entardecer à volta do lago. Tinha-se envolvido numa luta com uma garça e sangrava da pata traseira. Trouxe-a para sarar.

Fahai aproximou-se de Xian. Tirou algumas folhas do bolso e ofereceu-as à tartaruga, que levantou a cabeça enrugada e mastigou avidamente as verduras frescas da sua mão.

— São da cozinha do palácio? — Xian não conseguiu conter o riso. — Um conselheiro da corte a escolher vegetais para uma tartaruga que, só por sorte, não foi servida como iguaria?

O conselheiro riu-se.

— Confesso que a estrago com mimos. É uma barbaridade matar criaturas tão dóceis para obter a sua carne e as suas belas carapaças. O Dr. Ping, da enfermaria, cria tartarugas de água doce como passatempo e ofereceu-se para tomar conta dela enquanto estivermos fora.

Xian olhou para as gaiolas de madeira e bambu.

— E estas? Vão durar até ao nosso regresso?

— As cobras podem sobreviver até um ano sem comida — retorquiu Fahai.

Xian virou-se para ele.

— Obrigado pelo teu esforço para encontrares uma cura para a minha mãe. O meu pai só confia em pessoas que conhece há muitos anos, mas percebo porque fez de ti o seu conselheiro pouco depois de se conhecerem.

— Com tempo e paciência, a folha de amoreira transforma-se num vestido de seda — disse Fahai solenemente. — Os anos foram longos, mas não deixámos de tentar. Espero que, neste Ano da Serpente, encontremos aquilo que temos procurado.



CAPÍTULO TRÊS

XIAN

Xian caminhou em direção ao quarto da mãe. As aberturas circulares ao longo do corredor e as janelas gradeadas dos seus aposentos faziam mais do que deixar entrar a luz e o ar; sempre que ela tinha de passar dias ou mesmo semanas na cama, eram os seus únicos portais para o mundo. As janelas davam para jardins que estavam entre os mais bonitos do palácio, com árvores de osmanthus, formações rochosas cársicas e um lago de carpas.

As serviçais da mãe fizeram uma vénia quando Xian se aproximou do quarto. Ele cumprimentou-as com um aceno de cabeça antes de abrir as portas de madeira.

No interior, as velas lançavam sombras tremeluzentes sobre as fênixes pintadas nos painéis do *píng fêng*, um biombo que protegia a cama da sua mãe. As janelas estavam fechadas àquela hora, para impedir a entrada de correntes de ar noturnas, e o ar calmo carregava o aroma a sândalo dos incensos.

Xian fechou silenciosamente as portas atrás de si. Dirigiu-se à cómoda e abriu uma caixa de veludo. Lá dentro estava

uma fina flauta de bambu. Levou o bocal aos lábios e segurou o instrumento na horizontal, com os dedos a moverem-se suavemente sobre os orifícios ao longo de todo o seu comprimento oco. Continuou a tocar enquanto se dirigia para o biombo e espreitava para lá do painel exterior.

A mãe estava sentada na cama, encostada à cabeceira, com uma luxuosa colcha bordada puxada até ao peito. Apesar de ainda não ter completado 40 anos, já eram visíveis madeixas de prata entrelaçadas no seu cabelo escuro. As faces encovadas tornavam a palidez da pele mais acentuada, mas os seus olhos ainda brilhavam de ternura.

— Xian'er. — Ela estendeu-lhe a mão. — Costumava tocar *A Canção do Corvo* quando eras bebé, para te adormecer. Agora, toda eu desperto quando ouço a melodia, porque isso significa que o meu querido filho veio ver-me.

— *Niang Qin*. — Xian baixou a flauta e sentou-se na beira da cama. — Desculpe ter chegado mais tarde do que o habitual.

A mãe escondeu um sorriso.

— Tenho a certeza de que tiveste de fazer muitos preparativos para a tua viagem de amanhã a Changle.

— O pai contou-lhe?

— A tua primeira missão diplomática oficial aos 17 anos. — Ela sorriu. — O teu pai tem muita confiança em ti, para te enviar para a capital de Min. E eu não podia estar mais orgulhosa do meu filho.

O pai de Xian tinha-lhe dado instruções para manter em segredo as palavras do oráculo e o seu verdadeiro objetivo em Changle; não queria alimentar as esperanças da mãe sem ter uma cura.

Agarrou na mão dela com as suas. Tinha os nós dos dedos ossudos e a pele fina como papel de arroz.

— Só tenho pena de não estar aqui para a ajudar a fazer *zòng zi* para o Festival Duanwu.

O Festival Duanwu era celebrado no quinto dia do quinto mês lunar, coincidindo com o solstício de verão. As pessoas assistiam a corridas de barcos-dragão e comiam *zòng zi*: bolinhos triangulares de arroz glutinoso recheados com ingredientes doces ou salgados, como castanhas, jujubas, feijão-vermelho e carne de porco picada. Outras consortes do palácio delegavam a laboriosa tarefa de fazer os bolinhos aos seus serviçais, mas os *zòng zi* da mãe de Xian eram os preferidos do rei, e ela tinha muito orgulho em confeccioná-los. Mesmo depois de a mordedura da cobra a ter paralisado com dores e rigidez, nunca deixou de os fazer. Ensinou Xian a embrulhar o arroz com duas folhas de junco, mas ele apertava sempre demasiado quando atava o bolinho com um fio colorido. O pai dizia que conseguia distinguir os *zòng zi* que Xian preparava pelas mossas que tinham.

No ano anterior, na noite do Festival Duanwu, a mãe tinha-se sentido com forças suficientes para sair do quarto. As serviçais transportaram-na para fora do palácio num palanquim: uma cabina de madeira mobilada, sustentada em duas longas varas horizontais. Pedira que a levassem à Ponte Quebrada, longe das multidões reunidas na margem leste. Xian sentara-se ao seu lado num banco almofadado e ficaram a ver a regata dos barcos-dragão enquanto o sol se punha sobre o lago Ocidental.

A mãe piscou o olho.

— Para o ano, escondo do teu pai os *zòng zi* mais gordinhos e guardo-os só para ti.

Três meses, talvez um pouco mais. Xian teve de se esforçar para não reagir. Será que ela não sabia que estava a morrer? Ou estava a tentar protegê-lo da verdade?

A mãe conteve um bocejo, e Xian lembrou-se do medicamento com papoilas de ópio que os médicos lhe tinham receitado.

— Está a ficar tarde — constatou, ajustando-lhe a colcha. — Boa noite, mãe.

— Espera. — Ela pegou-lhe na mão. — Quero dar-te uma coisa antes de partires na tua viagem de amanhã. — Estendeu a mão atrás da almofada e tirou um amuleto de jade preso na ponta de uma corrente de prata. — Antes de eu deixar a minha terra natal, a minha mãe levou este amuleto ao templo para ser abençoado pelo sacerdote. Depois deu-mo para me proteger. O jade de cor clara é mais valioso, mas o de cor escura dá-nos força para ultrapassarmos as adversidades.

Xian pegou no amuleto. Em vez de um verde-esmeralda translúcido, o jade desgastado tinha uma tonalidade sombria, com veios baços e manchas.

— Quando vim viver para o palácio, o jade usado pelas outras mulheres era muito brilhante e lustroso — prosseguiu a mãe. — Eu tinha medo de que as pessoas se rissem do meu amuleto barato, por isso escondi-o. Um príncipe não deve ser visto a usar jade de tão baixa qualidade, mas podes levá-lo no bolso. O jade é uma pedra viva que se torna mais forte quanto mais tempo é usada. Este amuleto irá proteger-te e afastar-te de todos os males.

Xian colocou a corrente à volta do pescoço e enfiou o amuleto dentro da camisa. Sentiu o peso frio do jade pousado no peito.

— Vou usá-lo perto do coração — disse-lhe. — Estarei de volta antes que dê pela minha falta.

— Isso é impossível. Terias de voltar mal saíesses do meu quarto. — A mãe soltou um riso débil. — Estou só a dizer disparates. Prometo manter-me de boa saúde e estar aqui para te

receber quando voltares. Se puderes, traz-me uma recordação de Changle.

Xian sentiu uma determinação renovada tomar conta do seu peito. Estava mais perto do que nunca de encontrar a serpente branca. Sentia-o nos ossos, como uma profecia. Como uma jura.

— Claro que sim, *niang* Qin — respondeu.



CAPÍTULO QUATRO

ZHEN

Zhen ergueu o olhar para a lua cheia. A passear pela rua principal vazia, desprovida do seu clamor diurno, sentiu-se quase como se estivesse de volta à floresta. Os insetos zumbiam incessantemente e as trutas deslizavam pelas águas de um dos afluentes do Min Jiang que corria pela praça da cidade. Os grilos estridulavam nos campos de arroz, onde as colheitas que tinham sido semeadas na primavera cresciam direitas e altas. Cheirou o ar; conseguia detetar o leve aroma a folhas esmagadas da colheita de chá da primavera.

— Isto pica — resmungou Qing, coçando a nuca.

Ela envergava um *rú qún* de grandes dimensões: uma blusa de algodão de tecido grosseiro, uma saia verde lisa que lhe dava pelos joelhos e um par de calças por baixo. Zhen trazia uma túnica de cânhamo vulgar e, ao contrário das mangas extravagantemente largas das vestes usadas pelos nobres, as dele estreitavam-se à volta dos pulsos; prático para os plebeus que passavam os dias a trabalhar nas quintas. Eram as roupas e sandálias mais baratas que podiam comprar com o dinheiro

que tinham conseguido com a venda da pele de cobra ao er-
vanário da pequena cidade onde se encontravam, a sudoeste
de Changle.

— Para já, tens de aguentar o desconforto — respondeu
Zhen. A parte superior do seu longo cabelo estava apanhada
num nó preso por um pau de bambu; o resto caía-lhe pelos
ombros. As madeixas escuras de Qing formavam duas tranças
atrás das costas. — Quando tivermos mais dinheiro, arranjo-te
roupas novas que te assentem melhor, está bem?

Uma flâmula vermelha esvoaçou por eles, libertada por uma
rajada de vento forte. Nela, havia um par de cobras mal dese-
nhadas, com olhos enormes e línguas bifurcadas, uma decora-
ção perdida do festival da primavera que tinha decorrido alguns
meses antes e que havia marcado o início do Ano da Serpente.
Ele e Qing tinham-se empoleirado num ramo alto de árvore às
portas de Changle, vendo as pessoas a acenderem lanternas de
água e a soltá-las no Min Jiang, onde flutuavam como estrelas
cintilantes numa constelação em constante mudança.

— Tens a certeza de que sabes o caminho? — Qing afas-
tou uma madeixa de cabelo do rosto. — Não me quero perder.
Já nem sinto as pernas.

— Eu sei o caminho — respondeu Zhen, um pouco na
defensiva. — Percorrer as cidades é mais complicado do que
orientar-me pelas florestas, só isso. Os pontos de referência são
diferentes.

— E não conseguimos ler as placas de sinalização — cons-
tatou Qing. — Sabes, devíamos pedir indicações a alguém ou
arranjar um mapa ou assim.

O canto de uma mulher, acompanhado por música de ins-
trumentos de cordas, emergiu de uma porta aberta, misturado
com vozes de homens a falar e a rir. Uma lanterna amarela ilu-

minava uma bandeira pintada com o símbolo 酒, que tremulava ao sabor do vento fresco da noite.

Qing agarrou-lhe no braço.

— Olha, nunca estive numa taberna. Vamos espreitar.

Zhen franziu a testa. Ele já tinha provado vinho, mas Qing não.

— Não temos dinheiro para vinho.

— Quem falou em beber? — insistiu Qing. — Só quero ver o que se passa lá dentro. Sempre que passo à porta de uma taberna, sinto que as pessoas no interior se estão a divertir à grande.

— Qing, a ideia é passarmos despercebidos...

— Ficamos encostados à parede! Ninguém vai reparar em nós. — Qing revirou os olhos. — Se é para seres desmancha-prazeres, mais vale ficares aqui...

— Nem penses que te vou perder de vista. — Zhen suspirou. — Pronto, está bem. Mas só por uns minutos. Ficamos perto da porta. Assim que houver o menor sinal de problemas, saímos. Combinado?

Qing sorriu e arrastou-o pela entrada.

Dentro do estabelecimento pouco iluminado, o brilho das tochas nas arandelas lançava sombras nas paredes de pedra irregulares. Ossos de galinha e de peixe cobriam o chão, que estava pegajoso do cuspo e do vinho derramado. Algumas raparigas serviam taças a transbordar aos homens que se sentavam em mesas dispostas ao acaso, com cepos a servir de bancos. Alguns estavam em grupos barulhentos, outros sentavam-se sozinhos e taciturnos.

As mesas perto da entrada estavam ocupadas, pelo que Zhen e Qing não tiveram escolha a não ser sentarem-se numa mesa vaga no canto mais distante, com dois barris como bancos.



A cantora acabou o seu número, e quando ela e os músicos saíram do palco exíguo, um homem bêbedo saltou lá para cima e começou a recitar versos lúbricos. Os outros clientes riram-se e atiraram-lhe cascas de amendoim.

Zhen desviou o olhar para a porta. Quanto mais depressa saíssem dali, melhor. Ao seu lado, Qing olhava em redor com assombro em vez de cautela. Parecia não reparar nos homens que sacudiam o queixo na direção deles.

Um arrepio desagradável subiu pela espinha de Zhen, que agarrou Qing pelo braço.

— Acho que é melhor sairmos daqui.

— O quê? Acabámos de chegar! — Qing afastou-lhe a mão com uma sacudidela. — Vamos ver se a cantora volta depois de fazer uma pausa. Quero ouvir uma canção antes de nos irmos embora.

Um homem encorpado e musculado levantou-se da mesa onde se sentava com os amigos e caminhou em direção a eles.

Zhen ficou tenso.

— Bem-vinda à nossa humilde taberna, jovem senhora. — O Matulão olhou para Qing com interesse, enquanto fazia uma reverência de falso cavalheiro. — Nunca te vi por aqui.

— Ah, estamos apenas de passagem — respondeu Qing. — A propósito, sabe qual é o melhor caminho daqui para o monte Emei?

— Monte Emei? Isso fica a mais de mil e seiscentos quilómetros de distância. — O Matulão inclinou a cabeça. — Porque não ficas um pouco? Eu e os meus amigos adoráramos mostrar-te a zona.

— Na verdade, estamos de partida. — Zhen levantou-se e puxou Qing, para que ela fizesse o mesmo. — Tenha uma boa-noite, senhor.

— É indelicado rejeitar uma oferta de hospitalidade, jovem. — Os olhos do homem brilharam enquanto ele tapava o caminho a Zhen. Virou-se para os amigos e assobiou. — Irmãos, temos recém-chegados. Vamos dar-lhes as nossas calorosas boas-vindas!

O medo cresceu no estômago de Zhen quando dois dos amigos do homem se aproximaram deles vindos de direções opostas. O Matulão olhou de forma lasciva, estendendo o braço para tocar no rosto de Qing.

A mão de Zhen voou para cima, travando a do homem, que era quase tão grande como a pata de um urso. Qing assustou-se, e a surpresa assomou ao rosto do Matulão ao perceber a força inesperada do rapaz.

— Não queremos problemas. — Embora o coração de Zhen batesse descompassado, ele manteve o tom de voz firme. — Mas aconselho-o a afastar as mãos da minha irmã.

— Ah, ela é tua irmã? — O Matulão soltou uma gargalhada. Acenou para os amigos, que se aproximaram, encurralando Zhen e Qing num canto. — Parece que os problemas acabaram por vos encontrar.

A taberna ficou em silêncio. Os outros clientes pararam o que estavam a fazer e viraram-se para observar. As raparigas que serviam às mesas afastaram-se, nervosas.

Qing fulminou o Matulão com o olhar.

— É mesmo bruto. Só os cobardes se metem com estranhos. Agora, saia do nosso caminho antes que o meu irmão lhe dê um pontapé no...

Zhen agarrou Qing e empurrou-a para trás de si. Os olhos do Matulão estreitaram-se perigosamente. Tentou atingir o queixo de Zhen com um murro, mas este esquivou-se com reflexos rápidos. O homem voltou à carga, mas o rapaz evitou

o ataque com uma graça serpentina e o brutamontes foi embater na parede atrás deles.

Os espetadores começaram a rir-se.

O Matulão rosnou e atirou um grande jarro de vinho contra Zhen, que mergulhou para se desviar. O jarro foi atingir um dos amigos do homem, atirando-o ao chão antes de se estilhaçar e espalhar vinho por todo o lado. Alguns clientes fugiram do perigo, enquanto os que se encontravam a uma distância mais segura desataram às gargalhadas e a bater palmas.

— Zhen, cuidado! — gritou Qing.

O Matulão avançou com uma adaga na mão. O rapaz desviou-se, evitando por pouco a lâmina quando ela passou rente à sua orelha. O brutamontes atacou outra vez, apontando às costelas de Zhen, mas este conseguiu afastar-se a tempo, e a adaga foi espetar-se num dos sacos que estavam empilhados ali perto.

Grãos de soja irromperam do corte e espalharam-se pelo chão. Um dos amigos do Matulão escorregou nos grãos e caiu, desamparado, numa confusão de braços e pernas, batendo com o traseiro e soltando um gemido dramático.

Um par de mãos agarrou a cabeça de Zhen por trás. Antes que ele se pudesse virar, alguém lhe atirou pimenta à cara. O jovem estremeceu, com os olhos a arder. Um punho sólido foi embater no seu estômago, deixando-o sem fôlego, e ele prostrou-se enquanto era acometido de vários golpes.

Qing gritou, mas não foi de medo.

Zhen focou a visão, apesar do ardor que sentia nos olhos, a tempo de a ver a saltar para a frente com a agilidade de um réptil, o rosto lívido de raiva. Exibiu a língua bifurcada e as presas brilhantes antes de cravar as mandíbulas no antebraço esquerdo do Matulão.

Os olhos do homem arregalaram-se. A adaga que tinha na mão direita, erguida e pronta para descer sobre Zhen, foi cair no chão com um estrondo.

Qing largou a presa.

O Matulão cambaleou para trás. Abriu a boca, mas não saiu nenhum som; em vez disso, sangue começou a jorrar. Os amigos arquejaram e desataram a fugir. O homem revirou os olhos e tombou. Os braços estendidos revelaram duas feridas de perfuração no antebraço esquerdo.

Um silêncio mortal antecipou a eclosão do caos na taberna.

Por todo o lado, bancos tombaram e taças e pratos de comida caíram no chão, enquanto todos gritavam em pânico, colidindo entre si numa corrida desesperada em busca da saída. Zhen pôs-se de pé, esfregando a poeira que lhe cegava os olhos, e puxou Qing para a porta.

O gume de uma espada contra o seu pescoço fê-lo parar. Ao seu lado, Qing imitou-o. Guardas ameaçadores rodearam-nos por todos os lados, com as lâminas desembainhadas.

— De joelhos! — gritou um deles. — Não se mexam, demónios-serpentes!

Um espírito-serpente transforma-se num rapaz e tem de esconder a sua verdadeira identidade, nesta história apaixonante inspirada por um popular conto tradicional chinês.

Quando o Príncipe **Xian** era criança, uma serpente branca mordeu a sua mãe e condenou-a a uma morte lenta e dolorosa. Para a curar, **Xian** precisa de um antídoto criado a partir do veneno da serpente.

É então que **Xian** conhece **Zhen**, um enigmático e belo rapaz, que é nada mais nada menos que a encarnação humana da serpente branca que **Xian** está a caçar.

À medida que os seus sentimentos se aprofundam, será que a verdade sobre a identidade de Zhen os vai separar?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-787-216-7



9 789897 872167

